

## **O que é um transporte amigo da pessoa idosa?**

Em 1883, Machado de Assis propõe um regulamento com normas a serem obedecidas pelos passageiros do bonde: “meio de locomoção essencialmente democrático”. Tempos depois, Carlos Drummond de Andrade escreve seu “Hino ao bonde” saudando-o como “sede da democracia em movimento”.

Apostando no envelhecimento ativo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) lança o “Guia global das cidades amigas das pessoas idosas” em 2007 e o “Relatório mundial sobre envelhecimento e saúde” em 2015. A OMS reconhece a mobilidade urbana em geral e o transporte coletivo em particular como chaves para o bem-viver das pessoas idosas e, por conseguinte, das sociedades humanas.

O guia da OMS oferece um *checklist* para qualquer cidade usar, preparar seus planos de ação e habilitar-se a ser uma cidade amiga do idoso. Ele mostra que muitos planejadores brasileiros de mobilidade urbana estão reféns de um pensamento conservador e provinciano, embora travestido de moderno. Alguns declaram abertamente que idosos são uma despesa para os sistemas de transporte. Outros, mais descarados, querem que os idosos fiquem sempre em casa, esperando a visita da velha senhora com a foice.

O relatório da OMS, nas palavras de Margaret Chan, é otimista: “na vigência das políticas e serviços apropriados, o envelhecimento da população pode ser considerado uma preciosa oportunidade tanto para os indivíduos como para as sociedades”.

Machado, Drummond e Chan nos ajudam a acreditar que não faz sentido o apego à crença de que nossos transportes coletivos não seriam tão ruins, supostamente melhores que os de Kinshasa e Calcutá. No entanto, brasileiros, congolenses e indianos precisam é ter bons sistemas como os que já existem em muitas cidades, mundo afora.

A OMS alerta-nos que mesmo as melhores cidades ainda têm o que ajustar em seus sistemas de mobilidade. Ao implementar suas melhorias, essas cidades levarão os referenciais de excelência para mais adiante e cada vez mais, em um processo permanente de concessão e garantia de novos direitos. Isto é democracia.

Para que tenhamos um transporte amigo do idoso é preciso que nossos governantes tomem decisões ousadas, abandonando o senso comum imediatista. Para que eles façam isto, todos nós – cidadãos - precisamos pressioná-los.

Imponhamos, portanto, as metas, tendo a legislação brasileira como aliada. Basta cumpri-la para tornar amigáveis todos os nossos sistemas de mobilidade urbana. Ao elaborar os planos de ação, os usuários com mobilidade reduzida e os trabalhadores que fazem os sistemas funcionarem devem ser tomados como métricas. Nossos ônibus, por exemplo, precisam ser novos e limpos, sem degraus e sem catracas, com rampas e câmbio automáticos, equipados com tecnologias modernas que proporcionem um verdadeiro bem-estar a todos.

Um transporte amigo da pessoa idosa é um transporte amigo de todas as idades. Tê-lo pode nos dar uma bússola. Ele nos dará, certamente, um badalo para tocar o Sino de Ouro Preto que hoje mobiliza instigantes pesquisas na 34ª Bienal de São Paulo.

Marcos Fontoura de Oliveira

Engenheiro civil e doutor em Ciências Sociais, é autor de “Transporte, privilégio e política”. Atualmente desenvolve a pesquisa “Como viver junto nas cidades”.